

TRAJETÓRIAS DE ELEVAÇÃO DA ESCOLARIDADE E REPERCUSSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Autores: IVY DANIELA MONTEIRO MATOS;

Resumo

Esta pesquisa toma as trajetórias de elevação da escolaridade das mulheres fora da idade escolar, discutindo a (des)construção da identidade de gênero deste grupo e investigando as relações de dominação e poder nas quais essas mulheres estão inseridas. Para tal realizou-se entrevista oral semiestruturada com grupo de 11 mulheres, categorizando-as: com ou sem trabalho remunerado, com ou sem filho, com ou sem companheiro, de diferentes faixas etárias. As relações de dominação são discutidas fazendo o diálogo entre uma abordagem sociológica, estendendo ao mundo do trabalho e à educação, à luz dos estudos de Pierre Bourdieu e de Max Weber. A trajetória dessas mulheres ao romper com o espaço doméstico e voltar à escola demonstra que a avaliação de políticas públicas focadas nas relações de gênero deve ir bem além das fronteiras do mercado de trabalho.

Material e métodos

Investigamos o curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, modalidade PROEJA (Educação de jovens e adultos integrada ao ensino profissional), no ano de 2015, com 57 alunos matriculados, sendo 24 homens e 33 mulheres. Este último é o nosso *corpus* de pesquisa. São 33 mulheres, com média de idade de 36,51 anos, sendo que a mais jovem tem 19 anos e a mais velha 62. Para coletar os dados, foram feitas entrevistas narrativas semiestruturadas com pequenos grupos de alunas (em média três), buscando, através da oralidade, fugir de respostas planejadas, explorando a espontaneidade das falas e das trocas de falas entre as mulheres, aproveitando gargalos importantes dos depoimentos para aprofundar o tema, totalizando 11 entrevistadas, 30% do total das alunas matriculadas, diversificando as categorias que caracterizam os sujeitos: casadas, solteiras, de diversas faixas etárias, com ou sem filho, com ou sem trabalho remunerado. As discussões que faremos tentam investigar: quando, por que, que pessoas influenciaram e quais os sentimentos pessoais ao parar de estudar (para analisar a sujeição, a violência simbólica, os sujeitos e estruturas determinantes da dominação); por que voltar a estudar, que mudanças pessoais o retorno à escola causou e quais os planos futuros (para analisar as demandas atuais da vida feminina, se esta mulher superou a dominação ou não e qual o efeito da educação em suas vidas).

Resultados e discussões



A vivência dessas mulheres no ambiente escolar, sempre carregada da sua trajetória de vida, e o quanto as suas condições de gênero eram trazidas à tona na relação de ensino-aprendizagem tornaram-se muito forte no trabalho com a EJA, principalmente por serem maioria nas salas de aula. As 11 respostas às perguntas sobre o abandono à escola não apresentaram significativa variação entre si, girando em torno das seguintes justificativas: casamento, cuidado com os filhos, distância entre a casa e a escola (comunidades rurais). As alunas mais jovens expressaram a decisão autônoma em abandonar a escola, o que não era permitido às alunas com mais de 40 anos. Quando perguntadas se alguém interveio no sentido de motivá-las a continuar estudando, principalmente a mãe, as respostas foram negativas, trazendo à tona uma figura materna que concebia a situação como natural, irreversível, a partir de um conformismo tão latente, capaz de perpetuar esta situação na vida das filhas. Inicialmente, interromper os estudos não causou a elas nenhum conflito pessoal. No entanto, com o passar do tempo as demandas pessoais foram crescendo. Alguns poucos depoimentos trouxeram o esposo como um incentivador da iniciativa de buscar a escolarização. Muitos o trouxeram como um obstáculo, um instrumento da violência simbólica construída aos poucos e a cada dia, através de chantagens, de cobranças, mesmo que sutis, da ausência da esposa no lar. A escola compete ainda com a necessidade de trabalho para aquelas que são arrimo de família, promovendo uma disputa entre o tempo dedicado ao trabalho e ao estudo, na tentativa de aumentar a renda familiar. Contra isso, a estratégia foi a mesma para diversas mulheres: explorar algum tipo de comércio (informal) dentro da escola. Os espaços público e privado são reafirmados como locais de submissão e de libertação. Qual o efeito do retorno à escola, o que isso agregou a estas mulheres? O grande ganho foi a reconstrução da sua autoestima, ter de volta a credibilidade em si mesmas, a segurança de galgar outros espaços e enfrentar desafios.

Conclusão

Concluimos que a trajetória feminina não galgou conquistas equilibradas entre os ambientes público e doméstico. O que vemos na trajetória das mulheres do PROEJA é uma adequação entre as estruturas sociais vigentes (incluindo a valorização do casamento) e suas demandas pessoais. Na maioria dos depoimentos, a mulher foi convivendo e resistindo pouco a pouco às manifestações da violência simbólica que investiam contra sua escolarização. Poucas foram as que se subverteram de forma declarada. Os espaços (público e privado) são reafirmados como locais de submissão e de libertação. No entanto, as transformações, mais de ordem pessoal que profissional, trouxeram elevação da autoestima, consciência de que outros espaços além do doméstico existem e são possíveis, segurança e confiança em buscar algo novo. Este pode ser o maior legado da escola para estas mulheres: uma nova vivência do doméstico e a transformação de suas percepções sobre as relações de gênero.

Agradecimentos

Ao IFNMG Campus Januária por abrir os registros das suas alunas do Proeja e promover os diálogos necessários à pesquisa.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 10ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008
- HIRATA, Helena e MARUANI, Margaret (orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora Senac, 2003
- LIMA, Denise Maria de Oliveira. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. *Cogito* vol.11 Salvador out. 2010.
- MAIA, Cláudia de Juses. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2011
- SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 3. Ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2012
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol 1. São Paulo: UnB, 200